

## D. HÉLDER, O VATICANO II E OS “SINAIS DOS TEMPOS”: tradição e modernidade no Concílio

D. HÉLDER, THE VATICAN II AND THE "SIGNS OF TIMES":  
tradition and modernity in Council

*André Luiz Caes<sup>(\*)</sup>*

### RESUMO

Dom Hélder Câmara ocupa uma posição de destaque na história do catolicismo brasileiro devido à sua participação destacada em diversos eventos marcantes do século XX: a organização de movimentos de leigos católicos antes de 1950, a fundação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) em 1952, a fundação do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano) em 1955, a participação ativa no Concílio Vaticano II, a oposição à ditadura militar e a conjugação entre a Teologia da Libertação com a proposta da “não-violência ativa” (inspirada em Gandhi). Em sua vida de intensa vivência do cristianismo católico podemos identificar a constante presença de uma das mais interessantes facetas da Igreja Católica, em seus quase dois mil anos de existência: a interpretação dos sinais dos tempos como leitura e motivação da missão do cristianismo na história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Igreja Católica. Biografia. Dom Hélder Câmara. Concílio Vaticano II.

### ABSTRACT

*Dom Hélder Câmara occupies a highlighted position in the history of Brazilian Catholicism, due to his featured participation in several key events on 20<sup>th</sup> century: the organization of movements of outsider catholic people before 1950, the foundation of CNBB (National Conference of Bishops in Brazil) in 1952, the foundation of CELAM (Latin American Episcopal Council) in 1955, the active participation in Vatican Council II, the opposition to the military dictatorship and the conjugation between the Liberation Theology and the proposal of “active non-violence” (inspired in Gandhi). In his life of intense experience in catholic Christianity we can identify the constant presence of one of the most interesting facets*

---

<sup>(\*)</sup> Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Professor de História Antiga, História Medieval e História das Religiões na Universidade Estadual de Goiás - UEG. Atua principalmente nos seguintes temas: identidade religiosa, Igreja Católica, relações entre religião e sociedade, relações entre as religiosidades oriental e ocidental. E-mail: caesananda@bol.com.br

*of the Catholic Church in its nearly two thousand years of existence: the interpretation of the signs of times as reading and motivation of the mission of the Christianity in the History.*

**KEYWORDS:** *Catholic Church. Biography. Dom Hélder Câmara. Vatican Council II.*

## INTRODUÇÃO

No livro “História e Memória” (1990), Jacques Le Goff apresenta interessantes reflexões sobre alguns dos problemas que se apresentam ao historiador ao realizar seu trabalho. As dificuldades referentes à análise das relações homem/sociedade, homem/natureza e passado/presente, indagações sobre a possibilidade de contribuir para o futuro da humanidade por meio do estudo do passado, questões relativas às transformações nas sociedades a partir da percepção do tempo e dos acontecimentos inseridos na “longa, média e curta duração”. Todos esses temas são abordados pelo autor com o intuito de contribuir para maior clareza sobre o ofício do historiador.

Na introdução a essas reflexões, Le Goff destaca, entre outros aspectos, a necessidade do historiador trabalhar com documentos e utilizar um método e uma abordagem, a mais objetiva possível, para escrever sobre os eventos históricos. Entretanto, afirma que “o caráter ‘único’ dos eventos históricos, a necessidade do historiador de misturar relato e explicação fizeram da história um gênero literário, uma arte ao mesmo tempo que uma ciência” (1990, p. 12).

Assim, o historiador, servindo-se das mais variadas fontes de pesquisa, narra a história e elabora explicações plausíveis para os acontecimentos, procurando ser fiel aos personagens e não se iludir pelas aparências, identificando no contexto histórico as razões para a produção dos documentos e as motivações dos que viveram os fatos narrados. Esse exercício, contudo, mesmo seguindo fielmente um método científico, não possibilita que todos os aspectos dos acontecimentos sejam abarcados.

Esse limite que existe no trabalho do historiador, em certa medida, está relacionado ao problema da memória e seus fundamentos psicológicos, que remetem à característica seletiva da mesma e à força das representações individuais e coletivas que permeiam a vida das sociedades. São muitas as possibilidades de funcionamento seletivo da memória, talvez uma para cada experiência individual; e também é considerável o papel das representações na constituição das memórias.

No livro citado, Le Goff privilegia o enfoque sobre a memória coletiva, e destaca sua função na constituição das identidades, tanto dos indivíduos como dos grupos:

*Mais do que nunca, são verdadeiras as palavras de Leroi-Gourhan: “A partir do Homo sapiens, a constituição de um aparato da memória social domina todos os problemas da evolução humana”; e ainda: “A tradição é biologicamente tão indispensável à espécie humana como o condicionamento genético o é às sociedades de insetos: a sobrevivência étnica funda-se na rotina, o diálogo que se estabelece suscita o equilíbrio entre rotina e progresso, simbolizando a rotina o capital necessário à sobrevivência do grupo, o progresso, a intervenção das inovações individuais para uma sobrevivência melhorada” [ibid.]. A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF, 1990 p. 476)*

Para além do problema étnico, ao qual Le Goff se refere, essa mesma perspectiva pode ser aplicada ao caso das instituições tradicionais, que funcionam dentro do jogo entre a tradição e a transformação. É o caso da Igreja Católica e seus participantes, especialmente os clérigos, mas também os leigos, para os quais a memória e a tradição conferem sentido e significado à sua presença no mundo e ao esforço dedicado à salvação.

No caso de um estudo como este, baseado nos fatos vividos e relatados por um personagem, Dom Hélder Câmara, a questão da relação entre a memória individual e a coletiva apresenta-se de forma particularmente rica e as reflexões presentes na historiografia apontam para a relevância de analisar e compreender as relações entre o indivíduo, o grupo e o contexto histórico.

Giovanni Levi (2006) afirma que essa questão é “principalmente de um problema de escala e de ponto de vista” (p. 179), pois ela implica escolher se a ênfase vai recair sobre o personagem, sobre a situação histórica na qual ele se encontra ou sobre as possibilidades do indivíduo dentro do contexto. Ele propõe:

*[...] deveríamos indagar mais sobre a verdadeira amplitude da liberdade de escolha. De certo que essa liberdade não é absoluta: culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada, ela continua sendo no entanto uma liberdade consciente, que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores. (p. 179)*

Com essa proposição, o autor sugere que é possível trabalhar um acontecimento histórico na perspectiva de “uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita dessas inter-relações” (p. 180).

Nesse sentido, não é apenas a biografia de Dom Hélder que passa a interessar, mas a rica memória que ele produziu durante sua vida, em especial as “Circulares Conciliares” (2009), as quais narram suas experiências cotidianas durante todos os dias do Concílio Vaticano II. Nesses documentos, o bispo

demonstra sua compreensão da instituição em que atua, com a complexa organização interna e as disputas políticas e doutrinárias, mostra também uma aguçada percepção do contexto histórico que cerca a atuação da instituição e, ainda, como compreender os espaços de liberdade de ação e de transformação que existem ao seu redor. E faz isso, sem perder, em nenhum momento, a fé e a fidelidade à sua opção religiosa.

É a partir dessa extraordinária experiência que procuramos perceber alguns aspectos desse momento único da Igreja Católica, no Brasil e no mundo.

## O INDIVÍDUO, A INSTITUIÇÃO, O CONTEXTO

Dom Hélder era cearense, nascido em Fortaleza (1909). Aos 22 anos e meio foi ordenado sacerdote, fato que exigiu uma autorização especial da Santa Sé, pois a idade mínima exigida era 24 anos. Suas biografias mostram que vivia todos os momentos com intensidade e que ansiava participar de transformações sociais significativas, tendo como inspiração os ensinamentos do evangelho (PILETTI, PRAXEDES, 1997; CIRANO, 1983; BARROS, OLIVEIRA, 2000).

Foi assim que entendeu, na primeira fase de sua vida sacerdotal, ainda no Ceará, a mensagem da Ação Integralista Brasileira, por cujas ideias se envolveu em polêmicas com seu Bispo e com outros políticos de seu estado, acabando por ser transferido para o Rio de Janeiro em 1936.

Na capital federal da época, foi bem recebido pelo Cardeal Leme, que já sabia de suas qualidades combativas, mas foi orientado a afastar-se do integralismo e dedicar-se à área educacional (o então padre Hélder trabalhou no Ministério da Educação) e à dinamização da catequese arqui-diocesana<sup>1</sup>.

Nesse período, sob a influência de Alceu Amoroso Lima, aproximou-se da proposta do *Humanismo Integral*, formulada pelo pensador católico Jacques Maritain (1941):

<sup>1</sup> Dom Hélder inovou a concepção de catequese ao realizar pesquisas de campo para a elaboração de um plano catequético de melhor qualidade. Isso aparece no documento: *As pesquisas a serviço da religião. Vocabulário Catequético. Padre Helder Camara Diretor do Departamento Técnico do Ensino de Religião, do Rio de Janeiro. Chefe da Seção de Medidas e Eficiência Escolares do Instituto de Pesquisas Educacionais do Rio de Janeiro. Diretor da "Revista Brasileira de Pedagogia". Professor do Instituto Católico de Estudos Superiores, do Rio de Janeiro. Publicação nº 1 do Departamento Técnico do Ensino de Religião, Divisão do Conselho Arqui-diocesano do Ensino Religioso – da Arquidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro. 1938. Oficina Gráfica Editora Renato Americano. Rua Alzira Brandão, 39 – Rio.*

*Este novo humanismo, sem medida comum com o humanismo burguês, e tanto mais humano quanto menos adora o homem, mas respeita real e efetivamente a dignidade humana e dá direito às exigências integrais da pessoa, nós o concebemos como que orientado para uma realização sociotemporal desta atenção evangélica ao humano, a qual não deve existir somente na ordem espiritual, mas encarnar-se, e também para o ideal de uma comunidade fraterna. (MARTAIN apud PILETTI E PRAXEDES, 1997, p. 135)*

Essa perspectiva humanista continuaria embasando suas atitudes até o fim da vida, enriquecida por outras concepções como a da *não violência ativa* defendida por Gandhi.

No Rio de Janeiro, padre Hélder estabeleceu bons relacionamentos com autoridades governamentais e com o Núncio Apostólico Dom Carlo Chiarlo, mantendo-se sempre muito bem informado sobre as principais questões políticas e administrativas, tanto da Igreja como do Estado.

Nas duas décadas que separaram o fim da Segunda Guerra e o Concílio Vaticano II – um período de intensas transformações em todo o planeta –, Dom Hélder investiu toda a sua energia e suas habilidades diplomáticas em contribuir para que a Igreja Católica assumisse um novo papel diante do mundo, fundamentado no diálogo, mas também na adoção de posturas firmes e evangélicas em relação aos problemas sociais.

Nesse período, participou ativamente de algumas das principais iniciativas da Igreja no Brasil e no ocidente: em 1946 passou a acompanhar, como emissário da Nunciatura Apostólica, o processo de urbanização do Brasil, visitando todas as regiões do país e propondo soluções para o problema do êxodo rural e da favelização das capitais. Nessa mesma época, participou da organização nacional da Ação Católica e, em 1952, após visitas diplomáticas a Roma, conseguiu da Santa Sé o apoio para a criação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), uma das primeiras a serem criadas no mundo. Sagrado Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro em 1953, foi o principal organizador do Congresso Eucarístico Internacional realizado na capital em 1955 e, no mesmo ano, em trabalho conjunto com Dom Manuel Larraín (Chile), participou da criação do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano)

Articulou ainda a mobilização dos Bispos do Nordeste, que conseguiram de Juscelino Kubitschek a criação da SUDENE. Empenhou-se, juntamente com Dom Eugênio Sales e Dom José Távora, para a criação do MEB (Movimento de Educação de Base) durante o governo Jânio Quadros, o primeiro grande empreendimento de alfabetização popular realizado no Brasil.

No Concílio Vaticano II, tornou-se um dos principais articuladores das mudanças internas da Igreja, manifestadas nos diversos documentos publicados ao final de sua última sessão em 1965.

Em meio a todas essas atividades políticas e pastorais, Dom Hélder nunca abandonou o hábito de meditar durante as madrugadas, entre duas e quatro ou cinco da manhã, refletindo sobre cada um dos fatos que vivia e as decisões que precisava tomar, sempre buscando a sintonia com a “vontade de Deus”. Essa prática levou o Bispo a unir a espiritualidade mística aos seus incansáveis esforços pela dinamização e otimização da atuação da Igreja na sociedade. Nessas meditações escrevia cartas, poesias e textos com suas reflexões.

Nesses mesmos vinte anos em que situamos parte da atuação de Dom Hélder, o mundo todo – sob o impulso da Guerra Fria – passou por intensas transformações em todos os terrenos. Hobsbawm (1995) constrói um quadro bastante abrangente desse período, que chamou “os anos dourados” (p. 253). Os grandes avanços tecnológicos e a reestruturação do capitalismo pela definitiva internacionalização da economia estimularam as mudanças sociais e culturais que revolucionaram o globo. Ele aponta a “morte do campesinato” (p. 284) como a “mais impressionante e de mais longo alcance” dessas mudanças, à medida que, desde o início da história humana até a década de 1930, a maior parte da população mundial vivia no campo. Essa urbanização acelerada levou à destraditionalização das sociedades afetadas, impondo novos costumes, novas sociabilidades, novas relações entre a vida pública e a privada, novos papéis sociais, novas relações de trabalho, enfim, praticamente a reconstrução dos mais diversos aspectos da vida cotidiana em novos moldes.

Esse autor cita a família, a constituição dos lares e a nova condição da mulher como exemplos dessas mudanças numa perspectiva cultural (p. 315s). A instituição do divórcio, a mudança dos padrões de conduta sexual e da procriação, as possibilidades abertas pelo mundo do trabalho às mulheres e o acesso ao estudo por uma grande parte dos jovens, produziram modificações profundas nas identidades, agora não mais ligadas às tradições, mas às opções existentes no mundo social (HOBBSAWM, 1995, p. 334s).

Por outro lado, na política internacional, a Conferência de Bandung (1955) estabeleceu alguns princípios que nortearam as reivindicações do chamado Terceiro Mundo, o bloco dos países que lutavam por seus direitos na ordem internacional frente aos países do mundo capitalista avançado e do mundo socialista. Essa perspectiva trazia maior complexidade à solução dos problemas políticos, econômicos e sociais globais, à medida que chamava a atenção para

outros problemas e fazia emergir questões não referentes à polarização capitalismo/comunismo, que era ideologicamente fundamental para a atuação das grandes potências (HOBBSAWN, 1995, p.337s).

Nesse contexto de mudanças aceleradas, a Igreja Católica parecia perder o chão, não conseguia acompanhar o ritmo das mudanças devido à estrutura rígida e às doutrinas descontextualizadas. O fenômeno da secularização da sociedade, como foi definido o efeito da modernidade sobre a cultura, fazia os pensadores católicos refletirem sobre os procedimentos necessários para que a instituição enfrentasse os desafios do tempo (MARTELLI, 1995, p. 440).

A Igreja estava dividida basicamente entre aqueles que ainda entendiam a participação da instituição no mundo em uma perspectiva de uma oposição ferrenha à modernização, construída no século XIX e firmada no Concílio Vaticano I, e aqueles que desejavam uma atualização, caracterizada pela inserção da Igreja nos problemas mais críticos produzidos pelas mudanças.

O Concílio Vaticano II foi convocado para responder a essa necessidade: a Igreja, nas pessoas dos seus líderes hierárquicos, precisava dialogar internamente, se autoconhecer (reunir as leituras sobre o mundo de seus representantes em todos os continentes) e escolher diretrizes de ação para essas novas realidades que exigiam conhecimento, discernimento e comprometimento.

Nesse sentido, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1965), publicada pela Igreja Católica ao final do Concílio Vaticano II (1962-1965), foi assim definida a postura que a instituição deveria assumir em relação ao mundo:

*[...] é dever da Igreja investigar a todo momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. (Disponível em: [www.vatican.va](http://www.vatican.va), acesso em: 20/07/2012)*

Esses sinais, na perspectiva católica, indicariam as formas e os meios pelos quais a Igreja participaria da transformação da humanidade e, na visão cristã, da sua salvação.

A elaboração desse texto, denominado durante o Concílio de “Esquema XIII”, gerou os mais acalorados debates, configurando-se como uma “queda de braço” entre a tradição e a modernidade no interior da instituição. Entre os tradicionalistas estavam aqueles que defendiam a permanência dos ideais formulados no Concílio Vaticano I, acontecido um século antes (1869-1870), no qual a autoridade papal (o dogma da infalibilidade) e a autoridade da Igreja

em relação ao mundo (a oposição à modernização da cultura e das instituições) foram os aspectos centrais. Do outro lado, entre os que defendiam uma Igreja adaptada ao mundo moderno, os ideais eram a colegialidade do episcopado, o ecumenismo, o diálogo com as demais religiões e o posicionamento engajado diante dos principais problemas do mundo. Sobre esses problemas do mundo, uma especial atenção era dedicada às questões sociais, relativas às diferenças entre ricos e pobres, com enfoque tanto na desigualdade entre os países como entre as classes sociais de cada país.

Sabemos hoje que a predominância, nos documentos conciliares, dos ideais do segundo grupo, teve uma participação significativa do episcopado brasileiro, principalmente Dom Hélder Câmara, que procurou mobilizar e organizar os bispos dos mais variados países em torno desses ideais. Esse papel do episcopado brasileiro e de Dom Hélder pode ser medido pelo fato de três dos principais grupos formados fora do Concílio terem se constituído a partir de encontros na *Domus Mariae*, a residência oficial dos brasileiros em Roma durante todos os períodos conciliares: o *Ecumênico*, grupo não oficial formado pelos secretários gerais de diversas conferências episcopais de todos os continentes; o *Opus Angelí*, grupo de peritos (teólogos) que se organizou para elaborar as propostas do Esquema XIII, que resultou na *Gaudium et Spes*; e o *Grupo da Pobreza*, grupo não oficial de Bispos que defendia uma Igreja mais despojada e próxima dos pobres.

Dom Hélder manteve, durante todas as sessões do Concílio, o antigo hábito de meditar de madrugada, escrevendo cartas a seus amigos no Brasil – que ele chama “família” – nas quais contava o desenrolar dos acontecimentos, os debates, as dificuldades das negociações sobre pontos polêmicos de doutrina, bem como os encontros para a articulação de propostas. Nessas cartas, mostrou também os aspectos humanos dos que participavam e falou sobre os problemas que aconteciam no Brasil e sobre as mudanças internas na CNBB, da qual foi gradativamente afastado devido à sua atitude questionadora das desigualdades sociais e injustiças, fato que desagradava o governo militar que se instalou no país em 1964.

Nesses documentos produzidos por Dom Hélder (2009), temos não apenas o relato de um participante do Concílio, mas a experiência de um sacerdote comprometido com sua fé e com a instituição na qual atuava, consciente do contexto histórico e do grau de liberdade que tem diante dos acontecimentos, imbuído dos ideais que defende e exercitando continuamente sua proposta de vida evangélica.

## AS CIRCULARES CONCILIARES

No dia 24 de Abril de 1964, no discurso de posse na Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Hélder afirmou: “É uma graça divina descobrir os sinais dos tempos, estar à altura dos acontecimentos, corresponder de cheio aos planos de Deus” (BARROS, OLIVEIRA, 2000, p. 85). Sua transferência para Pernambuco, no mesmo ano em que foi substituído no cargo de Secretário Geral da CNBB, foi realizada como uma espécie de “castigo” (aplicado pelo Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara), por Dom Hélder defender causas sociais e manter uma relação de proximidade com os “comunistas”. Até mesmo um dossiê sobre essa proximidade havia sido enviado a Roma em 1963. Dom Hélder acolheu essa mudança como um sinal e escreveu três dias antes do anúncio de sua transferência:

*As árvores que jamais perdem o viço, que são perenemente verdes, olham, com uma ponta de inveja, as árvores que se desnudam de folhas e lembram esqueletos... Quando a primavera irrompe só quem é despojado vibra com o milagre da ressurreição. (PILETTI, PRAXEDES, 1997, p. 292).*

Durante os anos do Concílio, nos quais o Brasil passou por significativas mudanças políticas, Dom Hélder mostrou uma preocupação constante com esses sinais, os quais lê sempre à luz de sua fé.

Para Dom Hélder o Concílio era uma benção divina à Igreja, oportunidade para o diálogo entre os episcopados nacionais de todos os países e para a apresentação de propostas de ação conjunta em favor da humanidade. Assim, após os primeiros dias do encontro, depois do estabelecimento dos contatos diplomáticos, das amizades iniciadas com membros de outros episcopados e das articulações políticas para formação das comissões de estudo, registrou:

*Deus tem seus caminhos misteriosos. Vm para aqui com planos muito queridos, sonhos que não me pareciam meus. Não forcei a Providência. Não houve nem sombra de clima para eles. Fui aceitando o que Deus foi pondo diante de mim. Ontem, no encontro com o Cardeal Suenens, cheguei a conformar-me com a idéia de que só na 2ª ou na 3ª fase do Concílio (portanto com menos da metade dos Bispos e com a presença, sobretudo, dos que dispõem de dinheiro ou dos que estão mais perto) haveria margem para levantar os problemas do mundo subdesenvolvido. Deus me preparava uma surpresa [...] Em resumo: rebentou a idéia de obter 2/3 de assinaturas dos Bispos presentes propondo o tema do mundo subdesenvolvido, levando à idéia de um Bandung cristão em Jerusalém (a meio caminho entre o Oriente e o Ocidente), com a presença do Papa... (CÂMARA, 24/10/1962, 2009: 32-33)*

Essa proposta de articulação mostrava já uma tendência que seria confirmada durante o Concílio, a opção preferencial da Igreja pelos “pobres”, indicando um novo tipo de atitude de Roma com relação aos problemas do mundo. Dom Hélder fez esse trabalho de mobilização pelo “Bandung cristão” começar imediatamente nas reuniões que organizava fora do Concílio, promovendo a aproximação do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano) com os Bispos africanos e asiáticos, para a consolidação do Conselho Episcopal de Bispos Africanos e o incentivo para o surgimento do Conselho Episcopal dos Bispos Asiáticos (CÂMARA, 28/10/1962, 2009, p. 38).

Já nos encontros oficiais do Concílio, registrava com satisfação o fato de que as manifestações dos Padres conciliares sobre os aspectos polêmicos – mesmo no caso de importantes Cardeais como Dom Ottaviani, chefe do Santo Ofício – cujo tom não fosse o do diálogo e da reflexão, eram condenadas pelo silêncio “sepulcral” da Assembleia, pela indiferença e outras formas sutis de oposição (CÂMARA, 31/10/1962, 2009, p. 44).

Em 02 de novembro de 1962, Dom Hélder conversou por uma hora com o Cardeal Montini, o futuro Papa Paulo VI, de quem já era amigo, confienciando-lhe todos os projetos e propostas que tinha para serem avaliados no Concílio. Seu comentário ao final da circular que escreveu nesse dia foi:

*Que ficará de tantos planos? Vale a pureza com que são sonhados. Digo, em confiança, os comentários finais de Montini: “Admiro a altura e a beleza de seus planos. O senhor só sabe pensar nas dimensões do mundo, ou melhor da Igreja”* (CÂMARA, 2009: 62)

Sonhava com uma Igreja que cumpria, dentro da sua visão dos Evangelhos, a tarefa de evangelizar e de promover o bem comum a todos, especialmente aos pobres e marginalizados. Isso, entretanto, não era o sonho de muitos que participavam do Concílio. Na véspera da última reunião da primeira sessão do Concílio (6/12/1962), após tantos debates e articulações, marchas e contramarchas, a notícia de que João XXIII tinha câncer na próstata trouxe à tona o modo como a divisão de grupos afetava os ânimos:

*Confirma-se que o Santo Padre tem um câncer. Apenas, como consolo, se acrescenta que câncer de próstata, na idade dele, é dos mais benignos (e que, em rigor, poderá viver de 3 a 5 anos). Fico feliz vendo como não me custa – em hora alguma – entrar, de olhos fechados, no jogo da Providência. A esta altura há quem veja no fato, um aviso de Deus que quer salvar sua Igreja de rumos perigosos; há quem acredite que João XXIII, como Moisés, tenha a missão de trazer o povo de Deus até o limiar da Terra Santa (o Concílio está aí! Os caminhos da União se alargando!). Citei apenas duas das numerosas*

*suposições que andam nas cabeças dos Padres Conciliares. Nem consigo assustar-me. Se entrar nos planos de Deus levar o Santo Padre, gostaria (isto, sim) que Deus o ajudasse a dar ao mundo um grande e belo exemplo de aceitação total da morte como sacrifício pelo Concílio e como início da verdadeira vida. Quanto a quem vem ou não vem, com que mentalidade, com que repercussão sobre o Concílio é mais problema de Deus do que nosso. Sobretudo a esta altura, tendo visto o que nós vimos, não temos o direito de duvidar do Espírito Santo. (CÂMARA, 2009, p. 155)*

Essa atitude de entregar a Deus o resultado dos acontecimentos é uma constante nos escritos de Dom Hélder: para ele os homens trabalham, porém Deus dirige tudo com sua sabedoria, mesmo que os resultados não correspondam aos planos e sonhos humanos.

A segunda sessão do Concílio iniciou-se em setembro de 1963, já sob o comando do Papa Paulo VI. Todos os contatos e grupos que Dom Hélder fizera e organizara durante a primeira sessão, foram rapidamente restabelecidos. Na primeira circular que ele escreve (30/09/1963), avisa que já está na Secretaria de Estado do Vaticano um dossiê que o denuncia como comunista. Na circular do dia 05 de outubro do mesmo ano, Dom Hélder afirma que Dom Newton pensa em voltar ao Brasil, devido às circunstâncias políticas bastante difíceis que passava o país. Já na circular de 10 de outubro, demonstra pensar em propor ao Papa que os pobres e trabalhadores de Roma sejam convidados para as celebrações eucarísticas do Concílio, pois até aquele momento somente autoridades haviam participado das mesmas. Essas três mensagens mostram a ampla gama de preocupações que o mobilizava em suas atividades.

A segunda sessão do Concílio foi lenta e polêmica, segundo os escritos de Dom Hélder. Os debates não avançavam, à medida que as discussões giravam em torno da colegialidade do episcopado e da reforma da Cúria Romana, em especial o Santo Ofício. Sobre a colegialidade e seus desdobramentos, a oposição se fundava em objeções como a do Cardeal Ruffini: “Onde vamos parar? Onde se viu falar em Bispos com poder de legislar? A que fica reduzido o Papa? É o parlamentarismo que estabelecemos na Igreja.” (CÂMARA, 5/6.11.1963, 2009, p. 270) Por outro lado, sobre a reforma da Cúria, discursos agressivos de ambas as partes (defensores e opositores da reforma), mostram a dificuldade maior de mexer nas estruturas burocráticas há muito cristalizadas.

O esquema sobre ecumenismo e sobre a relação com os não cristãos traz à reflexão diversos problemas teológicos que comprometem a universalidade da Igreja. Dom Hélder traduziu de forma resumida alguns dos pontos que começam a ser debatidos:

*Se a religião cristã é a única a trazer à totalidade do gênero humano a salvação, que aconteceu com as massas de homens que precederam Cristo ou que, vindas depois d'Ele, jamais receberam a mensagem do Evangelho? E se os homens podem ser salvos sem o conhecimento explícito do Salvador único, como justificar plenamente, como manter íntegro o élan missionário que leva a Igreja a tentar implantar-se em todos os países e em todas as civilizações? Se, de outra parte, só existe uma Igreja de Cristo, que pensar da divisão dos cristãos? E como o mundo não-cristão poderá reconhecer o universalismo cristão se os próprios mensageiros do Evangelho não se entendem entre si? (CÂMARA, 10/11.11. 1963, 2009, p. 286)*

Em todas essas experiências intraconciliares, os documentos mostram a Igreja enfrentando a si mesma, percebendo todas as suas incoerências e vícios. Os homens de Igreja revelam suas fraquezas e suas virtudes, posições políticas e interesses pessoais e de grupos que precisavam ser sustentados publicamente. Viveu-se intensamente um momento que foi ou parece ser extraordinário para a humanidade, mas que mobilizava efetivamente apenas os que estavam envolvidos diretamente e os que podiam ser atingidos posteriormente, quando as medidas fossem adotadas. Em termos de história humana, para quê e para quem esse acontecimento interessa? Para os que vivem esse momento, tudo parece voltar-se para ele, mas para a humanidade em geral, quais serão os efeitos?

Ao fim, diante de todas essas questões, torna-se marcante a simplicidade da mensagem de Dom Hélder em uma de suas últimas circulares dessa segunda sessão:

*Deus brincou comigo permitindo que, para ser amável com um Bispo italiano muito simpático e muito aberto (Mons. Ferrari, também hóspede em Domus Mariae), eu tivesse de aceitar a viagem no carro dele... Não sabia que era um Alfa-Romeo, de parar o trânsito. E foi assim que cheguei à cidade do Poverello... Foi bom como humilhação. As ruínas de Assis, estreitas e tortuosas, quase não davam para o nosso carro passar. Owi dizer: "Deve ser um Cardeal"... Quando o carro parou, vieram jovens postar-se ao lado, como fundo para a fotografia. (CÂMARA, 24/25.11.1963, 2009: 332)*

Na percepção desse sacerdote cristão, Deus lhe conduz a experiências que o provocam à reflexão sobre a medida de sua fé e a coerência de sua opção. Pode ele estar errado sobre os “desígnios de Deus”? Pode isso ser uma ilusão? Como sua crença pode ser avaliada?

Todas as experiências do Concílio, simples ou paradoxais, benéficas ou maléficas (para cada compreensão), inspiradas ou não inspiradas, conduzidas pela providência ou pelos interesses políticos, todas conduzem a interpretações, sempre pessoais. Podemos ver, nessa perspectiva, um fio condutor da história? “A vontade do Pai”, como vê Dom Hélder?

A terceira sessão do Concílio (de setembro a dezembro de 1964) começou ainda focada na polêmica da colegialidade dos Bispos, que emperrava a continuidade dos debates sobre os outros temas. Em artigo publicado em dezembro de 1963, ao final da segunda sessão, o então Frei Boaventura Kloppenburg descreveu os principais problemas relacionados à colegialidade, os quais resumimos aqui:

*- Se apenas Pedro ou todos os Apóstolos devem ser considerados fundamento da Igreja; - Se por vontade do Senhor os Apóstolos constituíram um “colégio” em sentido próprio e jurídico da palavra; - Se tal colegialidade dos Apóstolos pertencia aos elementos que, por vontade de Cristo, deviam continuar na Igreja também depois da morte dos Doze (portanto por sucessão); - Se o conjunto dos Bispos forma um “colégio” em sentido estrito e jurídico; - Se a Sagração Episcopal é um sacramento em sentido próprio e, portanto, instituído por Jesus Cristo; - Se a Sagração Episcopal tem como efeito específico inserir o sagrado no Colégio dos Bispos; - Se o poder de jurisdição dos Bispos vem diretamente de Deus (mediante o Sacramento) ou do Sumo Pontífice; [...] - Se o Romano Pontífice e o Colégio dos Bispos constituem juntos um só sujeito indiviso do poder supremo sobre toda a Igreja; - Se o Papa tem o poder supremo apenas enquanto Chefe do Colégio; - Se o Romano Pontífice é obrigado a servir-se do Colégio dos Bispos para reger a Igreja Universal; - Se o Bispo diocesano é representante de Cristo ou apenas lugar-tenente do Papa [...] (1963: 951)*

A colegialidade, portanto, era um problema relativo à distribuição de poder dentro da Igreja e problematizava diretamente a monarquia absolutista do Papa, que havia sido fortalecida no Concílio Vaticano I. Daí a intensidade com que foi debatida. Sobre isso, Dom Hélder comentou na circular de 22/23.9.1964:

*O que há por detrás destas eleições é todo um rumo novo para a Santa Igreja. A Cúria Romana, quando reage desta maneira, não está defendendo o primado de Pedro, porque nosso Esquema nem de longe o arranha: está defendendo, isto sim, seu próprio reinado. Quando o Santo Padre promulgar a Colegialidade (e esperemos em Deus que o diabo não se meta no final das eleições e não atrapalhe as atuais disposições do querido Pai) estará terminada a centralização excessiva de após-Vaticano I (centralização que teve seu papel providencial, teve suas vantagens, mas acarretou malefícios terríveis) e abrir-se-á a fase de responsabilidade muito maior para as hierarquias e especialmente para as Conferências. (CÂMARA, 2009: 47).*

É interessante notar como Dom Hélder vê a ação de Deus e do diabo dentro da Igreja, considerando que os desejos do grupo em que participa e lidera representam a vontade do Pai. No contexto interno da Igreja, como saber qual é a verdadeira “vontade do Pai”? Isso não pode ser interpretado como

leviandade de Dom Hélder, mas como efeito de seu próprio engajamento, de sua própria visão sobre o modo como a Igreja deve ser gerida, ou ainda, de sua percepção objetiva de como as tendências políticas dentro da Igreja se organizavam. Mas como sacerdote, ele vê a vontade do Pai por trás de cada fato.

Na circular de 27/28.9.1964, Dom Hélder anuncia a vitória ideológica dos conservadores na eleição da CNBB, que aconteceu em Roma, nesse dia. Afirma com divertimento, fazendo clara alusão aos jornais que apoiavam o regime militar: “O Estadão e o Globo vão comentar a derrota da esquerda episcopal...” (p. 66).

Em 10/11.10.1964, Dom Hélder escreve seus anseios em relação à continuidade dos trabalhos conciliares. Nesses anseios, ele mostra os ideais pelos quais se empenha nos bastidores (ele não pronunciou nenhum discurso dentro dos debates na Basílica) para que os documentos conciliares tragam em seus textos:

*3. A atitude de diálogo deve abrir-nos: A) no campo econômico-social: a) ao conhecimento e à compreensão dos vários Mundos que, bem ou mal, coexistem dentro do nosso Mundo; os vários Capitalismos; os vários Socialismos; as várias Economias Primitivas; b) uma posição de nítida liberdade e superação em face dos sistemas econômico-sociais, tanto ligados aos Capitalismos, como aos Socialismos; c) a um apoio moral em face do 3º Mundo, cuja passagem do subdesenvolvimento ao desenvolvimento alarga o conceito de justiça social; d) ajuda à formulação ética do desenvolvimento, necessária aos povos de abundância, como aos povos em desenvolvimento. B) em face da conquista técnico-científica do mundo: a) à ausência de medo em face das conquistas do homem, na tranqüila certeza de que elas redundarão em glória para o Criador [...] 4. O espírito Ecumênico deve levar-nos: a) a viver a Declaração sobre a liberdade religiosa que, esperamos, o Concílio, com aprovação plena do Santo Padre, proclame, quanto antes; b) a viver as conseqüências práticas do Esquema sobre o Ecumenismo, votado espetacularmente pelo Concílio e, em breve, certamente, promulgado pelo Santo Padre; c) ao espírito da Declaração sobre os Judeus que esperamos não seja prejudicada por nenhuma interpretação política, de todo ausente de nosso pensamento; d) à abertura para a sempre maior compreensão e fraternidade em face das religiões não-cristãs, na esperança de que o Pai receba como louvor a retidão de intenções e o desejo sincero de servir ao Deus verdadeiro; e) à revisão do conceito de paganismo, evitando a injustiça milenar de identificá-lo com ausência de Deus [...] (2009: 129-130)*

Podemos dizer que, em geral, todos os seus ideais foram abarcados pelo Concílio, porém que seu anseio de ver a Igreja viver conforme as propostas conciliares passava pelas vontades individuais, levadas à prática por cada Bispo ou sacerdote em suas atividades cotidianas. Sobre isso, assim se manifesta na última circular da terceira sessão:

*Creio no Concílio Ecumênico. Creio na ação do Espírito Santo sobre o Colégio Episcopal com Pedro e sobre Pedro em particular. Creio na graça de estado, mesmo quando não se trata das circunstâncias especiais em que a infalibilidade é assegurada. Creio na função providencial da humilhação na vida cristã. Bem recebida, amadurece, aprofunda, enriquece interiormente, santifica. Afinal, a maior e melhor maneira de ajudar a Igreja, ajudando os homens e glorificando a Santíssima Trindade, é e será sempre santificar-nos. (p. 296)*

Dom Hélder vive a vida da Igreja, que é, para ele, a vida santa por excelência, a vida de serviço e sacrifício. Não concebe a vida fora da Igreja, mesmo admitindo a experiência de Deus em outras formas de crença. Como homem de Igreja, inspirado nos debates conciliares sobre a liberdade religiosa, vai aproximar-se, a partir desse momento, da proposta da não violência ativa de Gandhi, a qual fará alusões entusiasmadas nas circulares da quarta sessão do Concílio (1965): “Parece-me cada dia mais evidente que esta é a Força com que enfrentar as injustiças do Nordeste e de todo o 3º Mundo” (25/26.9.1965: 51). Por fim afirma, na circular de 27/28.9.1965, que assumir a postura não violenta

*não será roubar o Concílio, mas, ao contrário, será trabalhar por ele, para que não fique no papel, não seja uma farsa, [...] Será que vocês me entendem? Sempre agi com alma, com amor. Jamais, no entanto, entrei em qualquer trabalho, em qualquer movimento com tanta alma, tão convicto de que foi para isto que eu nasci e que fui levado, pela mão de Deus, para Recife... (CÂMARA, 2009, p. 61)*

Não há como deixar de admirar a visão de Dom Hélder sobre o Concílio e sobre a prática das propostas conciliares, as quais, em sua maioria, defendeu durante todos os momentos de sua participação. Associar-se à luta não violenta, iniciada por Gandhi e que, naquele momento, tem em Martin Luther King o seu grande expoente, é uma prova de sintonia com o mundo e com o espírito conciliar de aproximação e respeito com as propostas de vida espiritual de todas as religiões.

Dom Hélder mostra-se completamente engajado em sua luta para ver a Igreja, cumprindo a missão que afirma ser sua, que ele acredita estar sendo cumprida pelas determinações do Concílio. As palavras que utiliza para descrever suas últimas percepções sobre esse evento configuram-se como uma experiência de êxtase com as possibilidades abertas para a ação da Igreja no mundo.

*Bendito seja Deus que me permitiu fidelidade plena à Vigília e às Circulares: nenhuma madrugada sem falar ao Pai e sem conversar com a Família que representa a FAMÍLIA... Pensei em todos vocês, longamente, saudosamente quando, na Basílica,*

*em face das votações finalíssimas, assisti à proclamação solene da Declaração sobre a Liberdade Religiosa; dos Decretos sobre Atividade Missionária da Igreja e sobre Ministério e Vida dos Sacerdotes; e, especialmente, da Constituição Pastoral sobre Presença da Igreja no Mundo... Os Decretos não chegaram a ter 10 votos contra. A Declaração histórica, revolucionária (no mais belo e profundo sentido da expressão) e a Constituição (o sonhado, sofrido e oportuníssimo Esquema XIII), ameaçados de derrubada não chegaram a ter 80 votos contra... Só no céu, a Turminha do contra (72, exatamente, dos quais evidentemente, líderes mesmo não chegam a 20, tendo como superlíderes um italiano, Mons. Carli e um brasileiro, Dom Sigaud) saberá como rezei por ela... [...] Imaginem minha alegria ao ver o Santo Padre sem Tiara, sem Sede Gestatória, com o Báculo de sempre (a Cruz tanto mais bela quanto mais simples) e com o nosso anel... Trocou, espero em Deus que para sempre, o anel riquíssimo que usava, pelo anel-símbolo de união entre nós Bispos do Mundo inteiro (em torno ao Bispo de Roma) e anel-símbolo da Igreja servidora e pobre... [...] (tomo III, p. 324 e 325)*

Dom Hélder constrói uma das possíveis memórias de um momento belíssimo (na sua visão) da Igreja e da história, o qual poderia transformar a instituição e motivar ações transformadoras desta em todo o mundo. Sua percepção do acontecimento faz emergir sua expectativa utópica, na qual está implícita a transformação da história. Essa expectativa carece de realismo? Para Dom Hélder não, ele vive o momento cheio de esperança.

O tempo e as mudanças de rumo da história, que hoje, passados 50 anos, podemos avaliar retrospectivamente, foram implacáveis na imposição de limites aos sonhos e utopias que motivaram Dom Hélder. A Igreja Católica reveriu muitas das doutrinas que foram consagradas no Vaticano II e o Arcebispo assistiu ao refreamento das posturas mais engajadas em relação à política e às questões sociais.

Isso invalidou seus sonhos e restringiu o valor de suas memórias? Entendemos que essa experiência de Dom Hélder nos mostra, com muitas particularidades, a relação entre a memória, a história e as possibilidades abertas pelas biografias para a compreensão dos fatos históricos.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS: Dom Hélder e os “Sinais dos Tempos”

Escolhemos algumas passagens da vida de Dom Hélder e selecionamos os fatos e comentários contidos nas Circulares Conciliares, a partir do que consideramos pertinente à nossa abordagem sobre o Bispo. Poderíamos ter escolhidos outros e construiríamos outra perspectiva sobre sua vida e sua atuação dentro da Igreja.

A nosso ver, a trajetória de Dom Hélder é emblemática, tanto para a definição de um “homem moderno”, isto é, um homem sintonizado com o tempo em que viveu, como para a definição de um “homem de Igreja”, comprometido com a instituição católica.

Homem moderno se pensarmos sua vida na perspectiva proposta por Bermann (1986), quando afirma:

*Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo nihilista, ao qual tantas aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. (p. 12)*

Homem de Igreja se o compreendermos a perspectiva por Jacques Maritain, quando afirmou, ainda em 1922:

*Aquilo que chamamos de antimoderno, poderia muito bem ser chamado de ultramoderno. De fato, sabe-se muito bem que o Catolicismo é tanto antimoderno por seu imutável apego à tradição, como ultramoderno por sua ousadia em adaptar-se às novas condições que surgem na vida do mundo. (MARITAIN, apud MARTELLI, 1995, p. 441)*

Martelli assim interpreta essa afirmação de Maritain: ao reivindicar “a consciência de ser portador de uma mensagem de salvação para o homem” (1995: 442) – que seria uma verdade eterna e imutável –, o catolicismo consegue transcender às circunstâncias culturais de qualquer sociedade em um determinado período histórico. Dessa forma, o catolicismo é antimoderno porque se fundamenta na tradição de dois milênios de experiência da Igreja, no trato com as mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais. Mas é ultramoderno porque ensina uma verdade sobre a natureza humana, que sempre retorna ao centro das reflexões do ser humano, particularmente após a acomodação das vicissitudes produzidas pelas mudanças históricas.

Em nossa visão, Dom Hélder sintetiza o próprio “ser” da Igreja no século XX: defende a instituição e sua presença no mundo, como continuadora da missão de Cristo, lê os “sinais dos tempos” e luta ardentemente para que a Igreja e ele mesmo estejam à altura dos acontecimentos, respondendo prontamente e obedientemente à “vontade de Deus”, o que, no seu modo de ver, significa tornar-se defensor e servidor das causas dos pobres e marginalizados.

Assim, entrega-se integralmente e incansavelmente à tarefa de transformar a Igreja (usando para isso a oportunidade do Concílio) e se impõe – com alegria – uma disciplina de santificação, pois acredita profundamente que deve ser exemplo de todos os ideais que defende. Esse seu entendimento da vida cristã pode ser sentido por meio de seus versos:

*Que grande consolo, Senhor  
saber  
que não exiges sucesso,  
não cobras êxito...  
Exiges, isto sim,  
que não nos poupemos,  
que nos demos ao máximo,  
sem auto-suficiência,  
sem vaidade,  
sem orgulho,  
que tudo fazem apodrecer...  
E, talvez,  
em toda a nossa vida  
nada valha mais, diante de ti,  
que aceitar  
sereno, tranqüilo, feliz  
chegar a ti  
sem glórias de vencedor.. (CÂMARA, 1986, p. 79)*

## REFERÊNCIAS

BARROS, Raimundo Caramuru; OLIVEIRA, Lauro de. *Dom Hélder: o artesão da paz*. Brasília: Senado Federal, 2000.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

CÂMARA, Dom Hélder. *Circulares conciliares: de 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964*. Recife: CEPE, 2009.

CÂMARA, Dom Hélder. *Circulares conciliares: de 12 de setembro a 22/23 de novembro de 1964*. Recife: CEPE, 2009.

CÂMARA, Dom Hélder. *Circulares conciliares: de 10/11 de setembro a 7/8 de dezembro de 1965*. Recife: CEPE, 2009.

CÂMARA, Dom Hélder. *Em tuas mãos, Senhor!* São Paulo: Paulinas, 1986.

CIRANO, Marcos. *Os caminhos de Dom Hélder: perseguições e censura (1964-1980)*. Recife: Editora Guararapes, 1983.

GAUDIUM ET SPES. *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual*. 1965. In: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). Acesso em julho de 2012.

HOBBSAWM, Eric J. *1 Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura. Os debates conciliares da II Sessão. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 23, fasc. 4, Dezembro de 1963, p. 943 a 988.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1990.

LEVI, Giovanni. 2006. “Usos da biografia”. In: *Usos & abusos da história oral*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

MARITAIN, Jacques. *Humanismo integral – uma visão nova da ordem cristã*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1941.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

*Recebido em 26/05/2013*  
*Aprovado em 28/06/2013*